

EDUCAÇÃO: AS MUDANÇAS NÃO DEVEM SER APENAS RADICAIS NA FORMA, MAS, SOBRETUDO NA ESSÊNCIA.

Autor: Melkzedek de Souza Feitosa, graduando do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia– Bloco IV– UESPI campus de Floriano.

Orientador: Prof. MSc. Robison Raimundo Silva Pereira

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo através de análises bibliográficas expressar o quanto é necessário uma concepção mais abrangente sobre a escola e a sociedade, bem como discutir como apresentar-se à educação nas instituições de ensino, procurando entender sua metodologia, ações pedagógicas e formas de atendimento ao seu público alvo, no caso, as crianças. O mesmo apresenta metas e pontos a serem traçados, trabalhados e conquistados para que haja uma mudança consistente socialmente. Para isto estes escritos servem consistentemente como escopo e, mais que isto, um levante no que seria o ponto crucial para uma melhoria efetiva na sociedade. Este ponto conseqüentemente é a educação, entretanto, apenas a reformulação educacional como será percebido no texto não traria uma mudança efetivamente social; o próprio modelo político econômico também deveria ser alterado, principalmente o modelo econômico e suas formas de atuação no trabalho. Portanto, os escritos desse artigo demonstram a necessidade de haver mudanças na essência educacional e espera ser uma contribuição para que esta meta seja atingida.

Palavras-chave: Educação. Sociedade. Progresso.

A essencialidade do conhecimento concreto em tempos contemporâneos.

Na sociedade atual o conhecimento tornou-se algo imprescindível tendo em vista que vivemos na era da informação do conhecimento, isto porque, relacionado com as inúmeras concepções dos indivíduos com relação à compreensão do mundo ao seu redor. Assim, da mesma forma que ocorria nos tempos de outrora, o conhecimento, hoje tem posição decisiva na vida do cidadão Mészáros, (2008).

Dessa forma, nos dias de hoje é impossível que não concordemos que uma sociedade só poderá atingir um verdadeiro grau de evolução se houver uma atuação efetiva no campo da educação, onde [...] hoje é impossível a negação de que a maior parte dos processos sociais está entrelaçada com os processos educacionais (Mészáros, 2008, p.25), em tempos passados para um indivíduo desavisado achava-se que a escola era apenas um local onde se preparava o cidadão para o convívio em sociedade, entretanto sabe-se hoje que a escola é local de socialização.

Assim sendo, a sociedade se fundamenta numa organização do trabalho que da origem a classes sociais (Meksenas, 2007, p.74), de fato qual é o modelo social em que vivemos hoje se não um modelo social de classes e suas divisões? Por isso em sua maioria a escola serve como local de segregação por dividir e de certa maneira marginalizar os indivíduos.

A escola como palco da simulação de igualdade e universalidade.

Numa concepção de mudança a atuação da educação é essencial, e não uma atuação ocorrida nos dias de hoje onde o sistema educacional serve na sua maioria apenas como mecanismo de reprodução das ideologias do poder vigente Mészáros, (2008). Quando dizemos isso, se pararmos para analisar atentamente como ocorrem os processos educacionais poderemos constatar este fato.

Logo, tendo isto como fonte de embasamento pode se destacar um pensamento de Paulo Meksenas em seu livro “Sociologia da Educação” após analisar textos e estudos dos pensadores Roger Establet e Christian Baudelot, onde diz:

Por tratar com a mesma linguagem crianças de classes sociais diferentes, a escola reproduz a desigualdade. Enquanto a criança de classe burguesa conhece essa linguagem, pois a vivi no cotidiano, a criança pobre se encontra diante de linguagem nova que terá de dominar com muito esforço e sacrifício. Esse fato se reflete no aprendizado dessas crianças, pois enquanto a primeira aprende com facilidade, e

segunda terá muita dificuldade. E óbvio que o desempenho da criança pobre na escola capitalista será diferente do desempenho da criança rica”. (MEKSENAS, 2007, p.74)

Tomando o que diz Meksenas anteriormente, compreende-se que a linguagem adotada nos modelos educacionais é de acordo com os interesses da classe dominante, isto é, age conseqüentemente marginalizando a criança que possui poder econômico baixo. Tendo em vista esta eventualidade podemos associar às inúmeras falhas de alunos das classes sociais trabalhadoras, subalternas em se adequarem aos modelos educacionais formais.

Assim, quanto a esse tipo de prática atuante nas instituições educacionais, o autor continua evidenciando formas de como a classe elitista pode se beneficiar:

Por outro lado a classe empresarial recebe outro tipo de escolarização, muito mais aperfeiçoada, com acesso às melhores escolas aos melhores professores e materiais didáticos para assim, com bom nível de conhecimentos, poder se aperfeiçoar e se perpetuar na função de classe dirigente”. (MEKSENAS, 2007, p.68).

Diante disso, percebemos que de fato é nessa perspectiva que a classe detentora do poder econômico trabalha em um constante processo de exclusão social e detenção dos bens culturais. Entretanto, isto pode ser mudado através de um modelo de educação onde se respeite as origens dos alunos adotando conscientemente e a existência de uma individualidade inserida numa diversidade social, onde com isto estaremos contribuindo efetivamente com um trabalho de construção de um cidadão sócio culturalmente pleno.

Porém, por outro lado, sabemos que a escola em sua maioria nos dias de hoje seve como local de reprodução social e a própria sociedade está dividida em classes e, portanto cada classe recebe a educação que lhe é destinada. Em relação a isso, Meksenas, (2007, p.72) assinala de maneira sucinta:

O processo de escolarização é diferente para cada uma das classes sociais, embora a ideologia tente mostrar que é o mesmo. A classe empresarial recebe a escolarização que lhe permite obter os conhecimentos necessários para o seu exercício de classe dirigente. A classe trabalhadora passa por uma rede de escolarização que lhe possibilita apenas exercer um trabalho disciplinado dentro de sua condição de classe dirigida.

Dessa forma, o que pode se adequar a essa análise seria a educação tecnicista. A classe dominante impôs uma educação para a dominação e a classe subalterna a uma submissão. Dessa forma surgiu a idéia da necessidade de uma mudança social, como assinala Mészáros, (2008 p.26):

A razão do fracasso de todos os esforços anteriores, e que se destinavam a instituir grandes mudanças na sociedade por meio de reformas educacionais lucidas,

reconciliadas com o ponto de vista do capital, consistia – e ainda consiste – no fato de as determinações fundamentais do capital serem irreformáveis.

Assim, ao que o autor diz, em outros tempos aconteceram várias tentativas de reformulação do modelo socioeconômico vigente, mas todos falharam, pois todas tinham algum tipo de ligação com o modo de produção capitalista, tornando impossível qualquer mudança, isso porque este não pode e não quer mudanças, nunca poderão ser reformulados, pois suas determinações apesar de buscarem a massificação pregam a desigualdade.

Logo, quem busca uma sociedade prospera em sua plenitude e só poderá atingir este objetivo se pensar de uma forma em que todos devam ser iguais tanto no termo econômico quanto socialmente. Nesse sentido, para que nós cheguemos a uma sociedade realmente igual todos devem adotar uma educação radical que seja totalmente contrária às normas e parâmetros do capitalismo e às suas técnicas de controle de massa. Isso pode ser muito bem observado através de um pensamento em que o autor se dirige a uma concepção pedagógica libertadora:

A pratica consciente de uma pedagogia que, na falta de palavra mais adequada eu chamaria de pedagogia do conflito, deveria criar uma certa linguagem na educação que leve o educador a reassumir o seu papel critico dentro e diante da sociedade pela duvida, pela suspeita, pela atenção, pela desobediência. (GADOTTI, 2003, p.59).

Sendo assim, de acordo com Gadotti, quando assinalamos uma pedagogia do conflito não buscamos a desordem pela desordem e sim uma pratica de trabalho de conscientização do individuo e sua criticidade. De fato estamos buscando uma mudança radical e com isto estamos usando o sentido próprio da palavra, ou seja, cortando permanentemente todos os laços que nos ligam ao capitalismo.

Logo, isso não pode acontecer de modo ou forma utópica e sim de modo planejado consistente de todas as formas existentes, formas estas que não se esgotem na negação, como na citação a seguir:

Uma das tarefas básicas que definem a postura do novo educador é a criação de uma contra ideologia, atenta aos serviços que a educação pode prestar a esse de todos os bens criados pelo trabalhador, uma contra ideologia capaz de mover ou tirar da imobilidade os agentes da educação, direcionando os para a pratica de uma educação que tente levar a participação das mais amplas massas de trabalhadores”. (GADOTTI, 2003, p.81).

Tomando o que foi escrito acima, entendemos que devemos estar cientes que a partir do momento em que começarmos a trabalhar numa atividade de superação dos ideais capitalistas conseqüentemente estes irão contra-atacar numa forma de negação dos preceitos

revolucionários. Quando pensamos nisso, rapidamente nossa atenção é levada para o âmbito da educação, pois ela é uma peça importante nesse processo de introdução de seus ideais.

Assim, como deveríamos trabalhar numa forma de superação dos preceitos do capital? Certamente não é este método, pode ser vislumbrado através da instrumentalização do pensamento de Mészáros quando diz: “Naturalmente, as instituições de educação tiveram de ser adaptadas no decorrer do tempo, de acordo com as determinações produtivas em mutação do sistema do capital.” (Mészáros, 2008, p.42).

Dessa forma, no momento em que estamos buscando uma verdadeira mudança na sociedade tendo como ponto de partida a educação, devemos ressaltar que ao que diz respeito a essa questão, ela, a educação também infelizmente se modificou de acordo com as mutações sofridas pelo capital desde sua fase inicial até os dias de hoje, porém sempre de acordo com o interesse do mesmo.

Então para termos uma verdadeira e efetiva mudança devemos não apenas romper radicalmente com as formas, mas na essência, entretanto o que seria isto, romper também na essência da educação?

A resposta para esta questão está nas forças progressistas encontradas na escola e na comunidade que a rodeia, tal afirmação esta em consonância com o pensamento de Meksenas, (2007, p.83) que assinala:

A cada dia que passa, esses movimentos sociais se tornam também uma das forças progressistas que atuam sobre a escola. Desses movimentos surgem os pais que exigem bom atendimento escolar aos seus filhos, surgem também os alunos com senso crítico. A partir daí, muitos diretores e professores são forçados a tomar medidas que melhorem o padrão de ensino ou que modifique aspectos conservadores da escola.

Com efeito, compreende-se que isso significa abandonarmos conscientemente certos assuntos, temas, metodologias tradicionais e outros conhecimentos culturais de interesse do capital, por isso o rompimento com essa metodologia formal de alienação é imprescindível e da mesma forma não é impossível, mas quando dizemos rompimento com o modelo de educação formal estamos falando de como o sistema capitalista utiliza a educação com ferramenta de reprodução, onde os indivíduos evidentemente internalizarão tais valores acabando com qualquer chance de realização de uma libertação desse sistema implacavelmente desigual.

O sucesso do capitalismo atribui-se ao seu entrelaço e determinismo em relação ao sistema político vigente. Destarte, o apoio que o sistema político proporciona é fundamental para que, desta maneira a educação institucionalizada que é uma extensão da forma governamental instituída não utiliza apenas a educação como forma de impor os valores do capitalismo em certos momentos quando isto não está funcionando aí sim ele mostra sua verdadeira face através da imposição de tais valores por meio da violência quando este não trabalha com o processo de violência física ele age com uma forma menos expressiva, mas que não deixa de ser uma violência, que é a simbólica, entretanto tão eficaz quanto à física, nesse tipo de violência é trabalhado o processo de interiorização onde os preceitos e ideais do sistema capitalista são interiorizados pelos indivíduos consciente ou inconscientemente. “A escola como instituição reprodutora da ideologia, instituição que serve aos interesses da classe empresarial precisamente por apresentar esses interesses particulares como se fossem os de todos”. (Meksenas, 2007, p.72).

Como podemos observar no fragmento acima, esse processo não acontece apenas nas instituições formais educacionais e sim em todo o sistema social, contudo a maioria dos indivíduos tem ou já tiveram alguma passagem pelas instituições educacionais formais sofrendo na maioria das vezes o processo de inculcação dos valores capitalistas.

A instituição - educação - só será mudada, quando mudarmos ideologicamente de postura na sociedade.

Sabe-se que as instituições educacionais de certa forma servem de vínculo de disseminação dos ideais capitalistas, mas como trabalhar na perspectiva de alterar tais ideais? Bem, como podemos constatar o sistema educacional formal age em sua maioria de acordo com os preceitos do capital através da atividade de interiorização. No sentido oposto, deve-se de fato uma construir uma concepção de educação, que será processo dialeticamente contrário às ideias capitalista. Mészáros (2008, p. 56) frisa que:

Necessitamos, então, urgentemente, de uma atividade de “contra interiorização” coerente e sustentada, que não se esgote na negação – não importando quão necessário isso seja como uma fase nesse empreendimento – e que defina seus objetivos fundamentais, com a criação de uma alternativa abrangente concretamente sustentável ao que já existe.

Mas o que devera estar contido nesta atividade contrariamente radical ao capital?

Estes preceitos não deveriam ser menores do que uma ação para o social para o pensamento do indivíduo não apenas como um ser social isolado, mas como algo que faz

parte de um todo que é a sociedade em si pensando nessa perspectiva o indivíduo adotando estes preceitos trará uma contribuição vital não apenas para a sociedade, mas para o rompimento e a superação da lógica do capital, uma educação para o social significa mudança em sua essência, onde denota trabalharmos numa atividade em que todos se conscientizem que a própria sociedade só avança quando todos agem na concepção de um bem maior para toda a sociedade. Anteriormente no texto foi relatado com exemplificações o quanto a educação formal é elitista em seus métodos alienantes, entretanto, ela não está em sua totalidade composta por indivíduos que simplesmente reproduzem o ideal capitalista.

Em concordância com isto Meksenas, (2007, p.82) assinala:

Existem professores que se recusam a transmitir os valores da sociedade capitalista como os únicos verdadeiros. São professores que se empenham cada vez mais em desenvolver o senso crítico dos alunos, procuram denunciar em suas aulas as relações de poder e dominação presentes em sua sociedade. Existem professores que descobrem que também são da classe trabalhadora e por isso são sensíveis aos problemas que essa classe enfrenta.

Ou seja, a escola não é composta por um corpo discente conservador ou totalmente alienada, existem sim indivíduos, grupos, forças que lutam contra os ideais capitalistas e essas pessoas são os professores, diretores e principalmente os alunos que buscam um ideal maior, tornando assim a escola um verdadeiro espaço social onde se proponha e efetue a verdadeira “luta” entre as classes sociais onde assim tal classe terá o seu local para defender suas ideias, com isto a escola pode sim ser um local de transformação social tendo em vista que a partir do momento em que as instituições formais apresentam valores e ideais capitalistas conservadores do mesmo modo em contra partida professores progressistas discordam de determinadas metodologia ou até mesmo não as aplicam, alunos questionam não aceitam fazendo assim com que haja divergências e contribuindo para o próprio processo de construção histórico.

Considerações finais

Com isto, de ante de tudo que foi argumentado podemos observar que o capitalismo tem sido uma chaga que vem assolando a sociedade principalmente com relação aqueles que são menos favorecidos economicamente devido as circunstancias causadas pelo mesmo, podemos notar também que a escola por ser um local de ampla socialização serve em boa parte como local de segregação social, entretanto devido às forças progressistas esse espaço vem se tronando local de defesa de ideais humanistas. Com isto a escola apesar de em certa maneira estar a serviço dos ideais capitalistas é também um importante local de combate da ideologia

capitalista alienante, entretanto devemos destacar que para que haja uma transformação produtiva na sociedade não só o modelo educacional deve ser mudado, mas também e essencialmente o modelo político econômico.

Referencias Bibliográficas.

GADOTTI, Moacir, **Educação e Poder:** Introdução à Pedagogia do Conflito / Moacir Gadotti; 14. Ed.- São Paulo: Cortez, 2005.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é sociologia.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 2002.

MEKSENAS, Paulo, **Sociologia da Educação:** Uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. São Paulo: Loyola, 2007.

MÉSZÁROS, István, 1930 - **A educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2008.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da educação.** Rio de Janeiro; DP&A, 2003.